



:: amostra gratuita – para ter acesso ao ebook na íntegra, assine [moasipriano.com](http://moasipriano.com)::

# **HOMOSSEXO**

**Moa Sipriano**

Design da Capa & Editoração

*Moa Sipriano*

Imagem da Capa & Tipografia

[www.pixabay.com](http://www.pixabay.com)

[www.dafont.com](http://www.dafont.com)

Primeira Edição Digital

*Julho de 2017*

Todos os direitos reservados a

*Moa Sipriano*

Site oficial

[www.moasipriano.com](http://www.moasipriano.com)

Intro

Nas areias com Madonna

Sangue, Suor & Sexo

Rodamundo

Laços & Botas

O Clube dos Ursos

Tito

Prost Tuto

Pooto

Despedida de Solteiros

Ne.Go

Meu segundo pai

Agasalho

Dark Room

Desorientado

Animais famintos

Hemir

O outro Jesus

Três... é demais?

Sobre o Autor

## Intro

Uma “Reserva Especial”. É assim que defino a coletânea de contos homoeróticos que você está prestes a devorar.

Uma cuidadosa seleção capaz de elevar seus instintos mais primitivos, reavivar suas fantasias mais íntimas, acender seu fogo mais sagrado.

Talvez você encontre traços polêmicos e revoltantes em determinados parágrafos. Porém, minhas cruas verdades são repletas de poesia e reflexão em doses exatas.

A Sra. Hipocrisia não encontra respaldo nos meus enredos.

Nas entrelinhas de algumas passagens, eu fiz questão de provocar você, tonteando seus sentidos, revoltando seus dogmas, destroçando os limites do seu espírito, enfim, liberto.

Eu me excito quanto sei que alucino todos os poros da sua alma boquiaberta.

Não pretendo, com minhas histórias, somente elevar seu sexo. No decorrer da leitura, você vai descobrir o quanto amo aguçar sua inteligência e cutucar sua razão com minha boa vara... de condão!

Aqui do outro lado, quero pressentir seus calafrios, me aquecer com seu gozo, me esbaldar na sua plena satisfação.

Sentado em misterioso berço esplêndido, sei que vou ouvir seus “*uaus*” em aguda sonoridade. É o sinal do meu dever muito bem cumprido.

Agora eu me “dou” pra você, sem rodeios, só amarrações.

Vibre com meus Homens, meus Machos, meus Femininos, meus “Dualidades”.

Seres mágicos que saberão conduzir sua libido e sua sensibilidade ao próximo nível.

M. S.

## Nas areias com Madonna

Eu estava cansado do meu autoextermínio na Casa Mofada, consumindo litros de cerveja e fazendo meu pau gritar “aleluia” após uma overdose de punhetas durante horas e horas e horas a fio.

Resolvi tomar o vigésimo banho congelante, vesti uma velha calça de moletom sem nada por baixo, calcei meus Riders, investi numa camiseta Hering salmão que tanto amo e saí para zanzar um pouco pela orla, na esperança de que o ar puro e afrescalhado retirasse parte da podridão que infestava meus pensamentos.

Sentia-me péssimo, cansado, acabado. Porém, bastou abrir a porta para que a Dama da Noite despertasse em mim a porra do desejo de praticar um milhão de sacanagens com um quaquilhão de desconhecidos.

Rodopiei por mais de hora e meia pelas areias ensopadas da ilha comprida.

Quando cheguei próximo ao prédio da Prefeitura, meus pés imploraram por alguns minutos de descanso, obrigando-me a relaxar o anseio, apoiando meus vazios numa duna sem maiores atrativos.

Parte do que restara de um barco atolado na areia era acariciado pelas ondas, como que tentando diminuir a dor no seu casco provocada pela inutilidade forçada.

Com a imagem da fantasmagórica embarcação gravada na retina, fechei os olhos e deixei os sons da maré alta penetrarem no meu baixo ânimo, acalentando meu espírito perdido, desolado, submisso.

Um foco de luz muito intenso atingiu minhas costas. O som de um veículo invadindo meu sagrado silêncio quebrou o encanto da doce meditação.

Vi uma Ranger frear a poucos metros de onde eu estava. No volante havia um homem encorpado, de cabelos levemente ondulados, que ria sem parar, procurando abafar o som estonteante que vinha do rádio da caminhonete último tipo.

A cheirada assombração ria e blasfemava contra o locutor, dono de uma linda e autêntica voz de barítono, que anunciava a nova programação noturna de uma rádio local.

Ao seu lado havia uma mulher estranha, desfocada, que abandonou o veículo em passos claudicantes, perdendo repetidas vezes o equilíbrio, cambaleando e ralando sua dignidade na areia fofa.

A mulher trajava uma espécie de camisola com estampa de pele de onça.

Os cabelos ruivos – nitidamente artificiais – cobriam-lhe a visão, tornando a simples tarefa de caminhar extremamente penosa.

Na mão direita, trêmula, ela segurava uma garrafa transparente do que eu julgava conter boa vodca. Na outra, a moçoila bailava uma bolsa delicada e um par de sandálias de salto alto repletas de brilho próprio... um tanto excessivo.

A Ranger, com seu ocupante histérico, deu ré, de repente. Assim que o carro virou na direção do asfalto, o motorista começou a gritar obscenidades, mandando a mulher tomar no cu de todas as maneiras impossíveis. Fiquei chocado com o ritmo desenfreado das frases de baixo nível, numa saraivada de desoladoras expressões desconexas...

## Sangue, Suor & Sexo

Era para ser só diversão. Nada, além disso!

Na sorte daquela quinta-feira, tudo deveria ser algo passageiro, sem carregar a menor importância, onde apenas curtiríamos lapsos de uma sacanagem de minutos durante o breve trajeto que separava nossas rotinas. Porém, Dona Verdade mostrou suas garras durante um segundo apressado.

Eu perdi a hora, justo naquele dia. Entrei aos solavancos no ônibus das três.

Lotação insuportável, esbarrões, caras feias. Parece que todo mundo resolvera abandonar Indaiatuba no mesmo instante. Eu ali, puto, caçando um espaço para abrigar meu corpanzil arfante.

Dona Verdade promoveu um milagre! Encontrei um lugar abençoado. Dei uma breve olhadela ao redor para confirmar se não havia velhotas caquéticas ou moçoilas barrigudas necessitando do sagrado assento.

Nada. Livre. Obrigado, meu deus!

Um plástico trono reluzente presenteado pelo sacana do Destino.

Não pedi licença, nem olhei do lado. Apenas aconcheguei minha montanha de pelos retorcidos no espaço que agora era só meu por tortuoso direito.

Era impossível não roçar na perna alheia. E esse foi o primeiro sinal da minha... perdição?

Ele era um moreno de provocante estatura. Fuça nobre, estilo militar: cabelo rente, muito bem aparado; rosto ossudo, quadrado, sério, travado, pra lá de compenetrado; olhar-falcão fixo, em posição de sentidos ariscos.

Alerta, sempre alerta!

Magro, porém farto de boa e tenra carne nas curvas tonteantes, o Sr. Sério era dono de um belo traseiro, coxas tentadoras e aquela mala discreta que certamente escondia imensos segredos.

Adoro desvendar “o segredo” dos homens.

Suas mãos se destacavam do resto do corpo. Cinco ativos bem torneados, veias que saltavam dos dedos na direção dos braços rijos, isentos de pelos. Garras que prometiam uma pegada daquelas de deixar saudades após um apetitoso momento de irresponsável fodaria.

Hum... nada de aliança. Mesmo assim, fiquei imaginando a boa sorte da Raxa que caísse no vácuo daqueles braços forjados na roça e sentisse a força daquelas mãos másculas, rústicas e estupendas a apalpar-lhe as farturas. Uma ponta de pura inveja perpassou meu corpo tesó.

Muito calor vindo de fora, de dentro de mim-eu-mesmo, do meio dos nativos ensardinados.

Nas curvas acentuadas rolavam espasmos de ousadia. Essa era a tática universal da caçada dentro de um coletivo: uma curva traiçoeira, uma leve roçada, uma enorme expectativa. Militar não esboçou reação negativa diante das minhas pinceladas de atrevimento. Aproveitando a primeira reta sem fim, usei esfregar com mais afinco as pontas dos meus dedos robustos naquela coxa granito...

## Rodamundo

Quatro dias na estrada. Duas horas de sonhos. Concordamos que havíamos extrapolado os limites do bom senso.

Esgotados, abandonamos as armadilhas do asfalto principal.

Olhos vidrados e alma virada no cão, aos trancos encostei meu parceiro numa rua secundária.

Do meu lado esquerdo, beirando a incansável Anhanguera, havia uma passarela que dividia Sumaré de Campinas.

Do meu lado direito, na rua escolhida que parecia um queijo suíço empoeirado, repousava um posto Esso às escuras.

Eu queria desligar todos os motores, deitar meus ossos e apagar meu cansaço por completo. Mas a cretina Potência urrava seu imperioso estado de alerta.

Por incrível que pareça, eu estava há quatro malditos dias sem explorar um buraco qualquer.

No meu calendário... é tempo demais!

Você já sacou, não é mesmo?

Eu não posso ficar sem sexo.

\* \* \*

Meu nome é João Gaiola. Carrego quarenta e nove anos bem esfolados pela desgraçada da vida.

Sou casado há vinte e seis séculos com a mesma mulher. Corto estradas há vinte e quatro primaveras.

Em casa cultivo dois filhos oficiais: Jessé, 15. E Raquel, acho que doze.

Nas obrigatórias paradas do ofício, acredito que já plantei ao menos um filho em cada estado. Pivetes esquecidos e ignorados nas rabeiras de uma terra verde, amarela, sem brilho.

O “gaiola” não é meu sobrenome, mas é como se fosse. Pois é, sempre que penso no assunto eu começo a rir feito um parvo que passou do ponto.

Meu apelido de longa data foi um presente dos parças de estrada. Os amigos caminhoneiros veneram minha vasta fama de enfiador competente.

Em cada lugar onde estaciono meu fiel 111, caio sempre na transviada tentação e não vejo a hora de transformar a cabine do meu Scania numa aprazível gaiola furreca.

O tresloucado vício consiste em aprisionar a próxima bucetina mal paga a se virar para garantir boas alegrias ao meu gavião afoito. Quando paro para reabastecer veículo e restos mortais, fico ansioso para agradecer meu corpo debaixo da água vulcânica, jogar meu casco sobre o colchão velho de muitas batalhas e entornar loiras geladas a rodopiar pela minha goela rústica. Seguindo o impregnado ritual, aguardo a proximidade da meia-noite para enfim dominar uma nega gostosa, jogando-a para cima e para baixo, segurar com violência nos peitos dela e admirar aquele vestígio de fêmea rebolando e escondendo minha clava nas profundezas da sua gruta pública...



## Laços & Botas

Lovland ganha ares de um azul pálido durante o inverno, quando as cores abandonam minha ilha adorada, correndo atrás do calor europeu, deixando minhas montanhas mais tristes, minhas areias quase desbotadas e meu mar sem vida, onde meus verdes espumantes transformam-se em cinza lúgubre.

Mesmo sem cor e calor, Lovland permanece linda, única, paradisíaca. Talvez um pouco abatida sem a companhia constante do amigo Sol, sendo fustigada pelo incansável Vento Sul, dia após dia, durante dois meses inteiros.

No inverno, os nativos da ilha se comportam como ursos hibernantes, escondidos no centro agasalhador de suas casas de madeira, tentando aquecer os alvos corpos gorduchos debaixo de nove cobertas sintéticas ou através do consumo excessivo de uma boa cerveja escura de garantida procedência.

Na era fria, o trabalho é escasso. Vivemos basicamente do turismo na alta temporada, quando a principal fonte de renda vem da horda de surfistas platinados que invadem a ilha no verão, em busca das nossas ondas perfeitas durante o dia e do anonimato das trepadas inesquecíveis durante a noite na imensidão de praias desertas que proporcionam instantes memoráveis de sexo livre ao ar solto.

Durante a balada lunar é fácil escolher algumas garotas sempre disponíveis, ávidas por dinheiro rápido ou juras de casamentos ou loucas para perder todo tipo de virgindade; ou rapazes alegres pra lá de oferecidos, que até pagam por um pinto um pouco mais avantajado ou por carne não manjada.

No final das contas, todos nós somos verdadeiros caçadores vampíricos de prazeres fúteis.

Minha moradia – uma cabana – fica localizada no finalzinho da praia de Gobsun, a mais bela de toda ilha. Moro a doze passos da areia. Mais trinta e seis, se eu quiser molhar meus pés nas ondas frias. E se você caminhar no sentido oposto, vinte e nove passos separam meu humilde casebre de uma mata exuberante.

Floresta e mar permeiam meu paraíso. O que mais posso desejar?

Não cultivo um emprego fixo. Vivo de pequenos afazeres garimpados por toda ilha. Lixar e pintar barcos, limpar peixes, aparar a grama das casas dos veranistas, servir de guia a turistas idosos que procuram as praias mais distantes do agito, para enfim relaxar seus corpos cansados sem o incômodo dos jovens arruaceiros endinheirados.

Quando chega meu inverno interior, curto minha solidão voluntária na companhia de bons livros e boa música, onde me encaixo facilmente nos enredos e tons, deixando minha alma velejar nos devaneios da arte alheia.

\* \* \*

Meu avô me dizia que todas as coisas boas ocorrem numa quarta-feira. Sendo assim, segundo ele, quando você deseja que algo proporcione bom resultado na sua vida, tome a iniciativa bem no meio da semana, pouco depois das dez da manhã. Sempre (algo) dá certo...

## O Clube dos Ursos

Naquela tarde amarela de uma terça-feira monótona, capturado na melodia etérea de Elisabeth Fraser que aliciava meu vazio pela enésima vez, eu lustrava com um pano seco e macio o corpo plúmbeo da minha Canon, a guerreira, eliminando marcas gordurosas e poeira e demais resquícios da última sessão de fotos que fiz para minha irmã, ao retratar a peste do meu sobrinho no seu sétimo aniversário.

Em se tratando de fotografia, não suporto clicar gente. Meu negócio é sentir o controle total sobre minhas luzes e sombras a destacar máquinas de sonhos dos marmanjos que nadam em notas de cem. Eu amo documentar automóveis em arte!

O telefone tocou por volta das quatro. Sem pressa, após o quinto *bim-blim*, debrucei minha voia no sofá a fim de alcançar o aparelho.

Trinta e nove minutos depois eu já conferia todo o conteúdo da minha mochila. Um novo trabalho estava à minha espera. Coisas de última hora. Típico.

Como era praticamente um favor prestado a um amigo, não alimentei importância ao contratempo. Eu precisava partir naquela noite.

Dezoito minutos antes do embarque, eu perambulava calmo e aéreo pela rodoviária de Lovland. Deslizando passos curtos, quase zombeteiros, avancei até o guichê número três, paguei com nota alta, recebi minha passagem, conferi o troco, dei meia-volta e retribui um sorriso cansado para o rapaz do guichê número cinco, que me encarava com terceiras intenções, mais uma vez.

Entre no Pássaro de Prata e caminhei indiferente até a Poltrona 47, meu lugar cativo. Depositei a velha mochila de lona no bagageiro superior, acomodando em seguida o meu corpo lesmódico no couro vermelho, convidativo, sensual.

Joguei o tempo fora, apreciando o embarque dos demais passageiros.

Assim que partimos, ganhando as ruas de asfalto perfeito da minha idolatrada ilha, mentalizei a criação do que me aguardava ao sul de Pomeroh, a terra dos escritores.

Fui escalado para documentar uma exposição de arte contemporânea, belos frutos da polêmica criatividade de Dimitri e Carlson, um casal gay muito conhecido, influente e respeitado naquelas bandas.

Estranhei o fato de um evento de arte ter sido marcado para as oito e meia da manhã do dia seguinte. Porém, sigo categórico a minha filosofia de trabalho: Jamais questionar as excentricidades dos meus clientes.

Chego ao local combinado, cumpro minhas obrigações com discrição, maestria e perfeição; entrego o material impecável no prazo estipulado e saio com meu polpudo cheque dentro da carteira surrada.

Minha vida é simples assim!

Enquanto eu buscava Curt Smith no iPod, elevei uma prece sei lá eu para quem, agradecendo a bênção de não ser obrigado a clicar individualmente os restritos convidados (isso era trabalho para um estreante fotógrafo local); apenas o registro das obras a embasbacar os humanos fazia parte do combinado.

Duas ou três paradas estavam programadas para aquela viagem. Eu levaria não mais do que duas horas para chegar ao centro de Pomeroh.

O Pássaro de Prata deixou a ilha oito e sete da noite.

Eu esperava que Henrich cumprisse as ordens, me aguardando no outro terminal, conforme eu e Dimitri havíamos acertado pelo telefone.

Henrich, assistente puxa-saco do meu amigo Dimitri, era mestre em “esquecimentos” perante aqueles em que não nutria nenhuma afinidade. Eu seria ignorado com toda certeza. Não compreendo a antipatia que ele sente por minha patética pessoa. O motivo seria a minha total falta de vontade de comer aquele rabo sem bunda?

A noite seguia seu curso chatorial. Estrelas piscavam frenéticas no manto negro, impreciso. Não vi o pedaço da lua crescente, mas sentia sua presença. Adormeci.

De uns tempos pra cá, quando entro em qualquer coisa sobre rodas, não consigo controlar a quase imediata sonolência.

Acordei com um foco de luz amarela queimando meus pesadelos ao atingirmos a primeira parada. A cabeça latejava pelo mau jeito que meu corpo adormecera, amarfanhado na poltrona.

Abri os olhos contra vontade. Imaginei ter ouvido um grupo disforme discutindo no interior do ônibus. Levantei com certa dificuldade e caminhei para o mundo barulhento, ignorando por completo outros passageiros espantados nos arredores da minha mente: um comportamento típico da minha personalidade esquisita.

Confuso, eu não encontrava respostas para saber como capotei num transe tão pesado. Eu nunca havia dormido pra valer em viagens tão curtas.

Notei algo estranho ao desembarcar. Eu já havia feito dezenas de vezes aquele mesmo itinerário e aquele não era o local costumeiro de uma parada programada.

No lugar do elegante e confortável Giant, aquilo mais parecia um posto de gasolina tamanho medonho, com bombas da Shell espalhadas em duas fileiras porcamente iluminadas por traços imperfeitos de luz fluorescente.

Escondida no meio do nada, acredito que só eu avistei uma casinha tosca pintada de algo que um dia fora branco. Conclui ser uma espécie de lanchonete do Parque dos Horrores.

Vi caminhões de variados tipos e tamanhos estacionados diante da lanchucrute.

Nada de Giant? Tenho certeza que o mesmo tom de espanto perpassou nas cabeças dos demais passageiros, pois quase todos cercavam o motorista, exigindo explicações.

Ao chegar mais próximo da medonha balbúrdia, engoli as desculpas imprecisas do coitado condutor:

“Será necessária uma troca de carros...”, disse com voz firme o comestível Bigode Baixinho.

“Por favor, queiram retirar suas bagagens e pertences do interior do veículo. Dentro de pouco tempo chegará outro...”

O coitado do motorista nem conseguia reformular a decorada frase falha de emergência. Ele era sumariamente cortado pelos Insensíveis.

Não gosto de tumultos. Percebi que no meio daquele protesto improvisado havia o famoso encenqueiro de ocasião: um homem com pinta de “*mamãe, eu queria tanto ser Advogado*”, banhas vertendo óleo debaixo de um terno surrado, o tecido gasto nos cotovelos, que exigia explicações mais detalhadas do infortúnio causado pelo problema mecânico do nosso transporte.

O motorista deixou o idiota tagarelando enquanto falava via rádio com a Nave Mamãe. Entrei no Pássaro de Prata, pequei minha companheira de viagens, certificando-me que tudo estava em ordem e saí o mais rápido possível, afastando minha fragilidade para bem longe daquela tchonguice desnecessária entre gatos pingados, ignorantes, abatidos.

Calculei que haveria bom tempo disponível para mimar o velho Ócio. Minha garganta começava a implorar por sua dose diária de Coca-Cola congelada.

Privado de melhor opção, resolvi investigar a lanchonete *scooby-doo* que deveria servir de esconderijo para malvados e sanguinolentos caminhoneiros carrancudos, desencarnados. Por que só eu detinha a coragem de invadir aquele território?

Ao invadir o recinto pouco iluminado, recebi as boas-vindas de uma nuvem de Marlboro que aderiu no meu corpo, enevoando meus instintos.

Diante daquele aroma terrível, quase veio ao mundo o resto do lanche da tarde que ainda fermentava no meu estômago. Tapei a boca num movimento involuntário e segui até o balcão para tentar a compra do meu veneno precioso.

Um ser sombrio, vestindo uma pirateada camisa verde-amarela da Seleção Brasileira de Voleibol me encarou de imediato. Percebi pelo seu olhar opaco que era alguém de poucas palavras gentis e muita atitude troglodita.

Não consegui definir-lhe o sexo: peitos enormes, buço proeminente, braços que certamente esmagariam meu corpo num abraço nada cordial e sobranceiras unidas que mais pareciam uma taturana entupida de anabolizantes a proteger olhos cinzentos, assustadores.

Pedi meu refrigerante e fui prontamente atendido. Ganhei como brinde uma tremenda frieza e um quarto de sorriso de escárnio.

O vício congelante lavou minha alma. Após satisfazer minha fresca necessidade, tentei “apreciar” com ânimo renovado os atores ocultos daquele palco abandonado na primeira dimensão abaixo do Zero Absoluto.

No fundo do salão, os machos jogavam baralho numa mesa prestes a perder o senso de equilíbrio. Notei que eram Caminhoneiros versus seus respectivos Auxiliares. Divertiam-se num jogo barulhento, cheio de sinais e malícias que não tive tempo de compreender.

Outros dois sujeitos me encaravam com revoltante determinação. Um deles era alto e muito forte, quase uma porta maciça feita de músculos e gorduras muito bem localizadas. Inúmeros pelos loiros acinzentados no peito saltavam do “V” da camisa verde-soldado, desabotoada.

O outro era um pouco mais baixo, pele bem tostada pela vida complicada, dono de uma barriga proeminente e uma barba desalinhada, que me causou pungente desprezo...

## Tito

Meu nome é Raimundo. Sou um pernambucano simples, matuto e honesto. Vivo da terra e do que ela pode me oferecer, com a ajuda do Pai e a força dos meus braços e mãos calejadas na brutalidade do manejo de uma enxada. Moro no sertão de Jesus-me-abane, numa comunidade perdida pra lá de deus-me-livre.

Dora, minha eterna Dorinha, morreu vítima de infecção nas partes baixas da mulher, onze meses depois de dar a luz ao nosso único sucesso.

Sozinho e despreparado, foi uma luta infernal criar Tito nos primeiros anos de vida. Mas o Pai me ajudou e todo suor derramado, além das lágrimas da solidão e da tristeza pela falta da minha Dorinha, foi recompensado com o maior presente que Ele poderia me dar: um filho saudável, inteligente, estudioso e bonito, muito bonito.

Recordo as infinitas dificuldades que Tito passou durante toda infância, tendo que caminhar quilômetros debaixo de sol forte, tudo pela dedicação solitária aos estudos. Derramo uma lágrima ao lembrar nosso tenebroso passado em gastas Havaianas.

Recordo que em muitos verões (verões?) tínhamos somente um resto de feijão e alguns sacos de farinha de milho – doados por missionários evangélicos que se aventuravam por essas bandas – para saciar nossa fome e sustentar nossos corpos sem energia.

Mais uma gota. Deixemos isso de lado.

O que eu preciso desabafar com você tem a ver com meu filho Tito.

Afora todas as dificuldades impostas pelo Destino, meu filho sempre foi um garoto feliz, onde mantinha um sorriso inspirador no rosto em qualquer situação, em qualquer lugar, na presença de qualquer pessoa.

Reparei que na sua adolescência, quando ele saía de casa para se encontrar com os amiguinhos na praça e logo em seguida ir aos bailes de forró que sacudiam todas as nossas noites de sábado, dificilmente uma fêmea o acompanhava.

Notei que muitas vezes meu menino vinha para casa na companhia de rapazes um pouco mais velhos, geralmente montados naquelas Hondas em petição de miséria; uma “febre” entre os jovens mais abastados (abastados?) da comunidade.

Como todo mundo conhecia todo mundo, jamais desconfiei que meu Tito fosse “diferente” dos demais e que suas companhias masculinas camuflavam mais do que uma simples carona embebida em amizade juvenil.

Tudo passou a fazer sentido quando numa noite árdua, ao voltar da lida um pouco mais tarde do que o usual, encontrei meu menino com os olhos inchados, vinhos, lacrimejantes, acororado num canto do seu quartinho, segurando uma amassada folha de papel de embrulhar pão.

Nunca houve segredos entre nós. Nossas realidades eram reveladas no tempo certo. Dependíamos de nós mesmos para superar as vicissitudes da vida.

Havia muito mais do que os laços de sangue que nos unia. Éramos, acima de qualquer coisa, almas companheiras.

E na minha terra, para um pai ser verdadeiramente amigo do seu filho...

No que se refere ao lado “bicha” de Tito, quero acreditar que nunca havíamos tocado no assunto por uma simples questão de falta de diálogo profundo sobre esse tema. Culpados, fugíamos um do outro, tentando de todas as maneiras ignorarmos nossas verdades.

Perdoe-me se pareço confuso em meu desabafo.

Engolindo a incompreensão dos fatos, ajoelhei-me diante de Tito e peguei com a máxima delicadeza possível o pedaço de papel que jazia em suas mãos refrigeradas.

Li a carta. Era uma esfarrapada desculpa de despedida, escrita em linhas tortas por um covarde que teve a coragem de descartar meu filho, sem motivo concreto, numa atitude infeliz.

Mesmo abobado em ter que aceitar, daquela maneira, que meu filho era *realmente* diferente dos outros homens que eu conhecia, por uma bênção do Espírito Santo eu só precisei de alguns minutos para jogar o preconceito para longe e assumir minha posição de pai-protetor, transmitindo-lhe o apoio reconfortante através de um receptivo abraço na razão da minha vida.

Permanecemos em silêncio por longo tempo. Quando meu filho se sentiu confiante e encontrou forças para desabafar, desandou a relatar tudo o que havia acontecido com ele e seu último amante.

Senti pena ao descobrir que meu Tito costumava se entregar todo cego aos homens que lhe acenavam com promessas de amor eterno, quando na verdade o que mais queriam era degustar aquela carne farta e macia e depois descartá-lo feito um vagabundo na madrugada, exatamente como faziam com as mulheres de vida fácil (vida fácil?) da Rua Azul, o ponto de putaria mais famoso da nossa região, conhecido até no país do Bush.

A revolta martelava meu peito.

Meu filho chorava e vomitava suas desventuras. Acabei reconhecendo alguns dos selvagens que haviam se deitado com ele desde os seus catorze anos de idade. Aquele da padaria, que foi o primeiro. Depois veio o cantador, em seguida foi a vez do vereador e por último, o cafajeste do frentista, que comeu Tito em surdina durante quase cinco anos, mesmo meu filho – infelizmente, todo submisso – sabendo que o canalha era casado, pai de família.

Promessas infundadas de amores não concretizados. A ingenuidade do meu filho feria minha alma atribulada.

Enquanto ele escarrava seus casos assim, na lata, diante do seu velho abismado, minha cabeça rodava em prismas para lugar algum e um peso forçava meu pescoço enrugado a dobrar meus preconceitos para frente e para os lados.

Tudo veio rápido demais...

## Prost Tuto

Meu nome é Prost.

Prost Tuto.

Idade? 24 anos. Profissão? Machoterapeuta.

Cara, você não entendeu nada? Eu explico. *Pó dexá!*

Meu ofício consiste em realizar todos os desejos dos homens na cama, no carro, no mato, nas águas. Sim, criei um rótulo idiótico. Exato: sou um prostituto profissional.

Eu trepo com homens e faço amor com machos. Todos os dias, exceto quartas-feiras. Vou para a cama dos anônimos por dinheiro. Em raríssimas ocasiões, por prazer.

Não pense que “estou na vida” por falta de oportunidades de trabalho, de estudo ou por causa das típicas desavenças familiares. Nada disso.

Tive uma ótima formação dentro de casa. Sou o segundo de quatro irmãos. Meus pai e mãe são ultra carinhosos, cultos e muito bem estruturados.

Completei o “segundo grau”. Só não prossegui nos estudos pelo simples fato de achar maçante e sem graça o método de ensino da escola onde passei praticamente toda a minha infância e adolescência.

Cansei da repetição de conceitos caretas. Os professores, coitados, sempre tão desmotivados. Eles não me prepararam para a vida.

Só fui aprender a *ser homem* fora de casa.

Nos primeiros bicos, ainda na adolescência, nada era capaz de motivar minha curiosidade, apesar da intensa dedicação a cada experiência profissional adquirida. Na verdade, eu nunca estava satisfeito com o salário, com as imposições do sujeito que se achava o “patrão”; com a falta de uma real oportunidade para opinar e modificar certos conceitos e ações a fim de melhorar a produtividade ou as condições de trabalho.

Minha inteligência e múltiplas capacidades sempre foram subestimadas.

Confesso que eu nunca quis ser mandado pelos outros a realizar aquilo que eu julgava enfadonho e repetitivo. Odeio rotina. Odeio patrões. Odeio quem não toma iniciativas.

\* \* \*

São Paulo é a terra das oportunidades. Isso é fato consumado. Mas para conquistar um lugar na garoa, você tem que ser astuto, cultivar atitudes inteligentes e saber aproveitar cada mínima chance que as pessoas depositam nas laterais da sua trajetória a todo instante.

São Paulo não dá trela para “os” vítimas, os indecisos e os fracos de espírito. Vindo do Paraná sem lenço, mas com todos os documentos e trezentos contos no bolso, logo na minha primeira noite na capital, descolei um “ponto” pra mim.

Seguindo dicas encontradas na Internet, me joguei nas imediações do MASP. Aprendi em segundos a não invadir o espaço de outros rapazes, muito menos disputar velhos clientes com viados tarimbados da Guerra...

## Pooto

Meu primeiro contato com o sexo se deu aos nove para dez anos de idade.

Aconteceu na penúltima noite fria de um agosto oitentista.

Minha mãe, que era empregada doméstica, toda sexta permanecia no serviço até mais tarde, pois precisava esperar o retorno da patroa para enfim receber seus míseros dinheiros.

Bem no maldito último dia útil da semana, a rica senhora costumava retornar das ruas só depois da oitava badalada.

Só quando Dona Rica terminava seu jantar solitário, supervisionando a seguir a reluzente cozinha na mais perfeita ordem deixada pela fiel empregada, ela então pagava minha mãe e também liberava os outros empregados: um ancestral motorista e a menina estrábica que cuidava dos cães.

Naquele álgido escuro específico, sem vontade de brincar com o Falcon de um só braço e cansado de montar naves espaciais com meus falsificados Legos imprestáveis, fiquei na cama com meu pai, assistindo o telejornal do canal cinco.

Uma garoa vaporosa na companhia de um vento indolente tamborilava na janela do nosso único quarto. Aninhado no peito felpudo do meu protetor, feito um filhote de urso pardo, eu alternava entre o cochilo e a atenção diante das imagens de uma guerra incompreensível que pipocava na tevê.

Após uma enxurrada de notícias tristes, Osni deu na telha de beijar a ponta do meu nariz, aconchegando-me com surpreendente disposição em seu delicioso abraço ursino.

Sonolento, percebi depois de alguns minutos que meu cuidadoso papai rebuscava sutilmente meu traseiro. Ingênuo, confesso que gostei do que eu acreditava ser apenas um carinho diferenciado.

O som da televisão preto e branco foi aumentado. A mão calejada transmitia calor e conforto. Amor paterno embebido num timbre estático. Relaxei de vez.

Tonteadado, quase apaguei feliz da vida, envolto em carícias intensas e um bafo de alto valor etílico emanado pelo homem rústico, inquieto, atarantado.

De repente, minha mão gorducha foi conduzida até o pipo do meu pai. Aquilo estava duro feito um tijolo e para um ser sem noção como eu, parecia que o sexo daquele homem era algo descomunal de tão grande e grosso e veiuado.

Minha cabecinha com miolos em formação foi delicadamente empurrada para baixo, até meus lábios darem de encontro com a cabeçorra daquela coisa disforme que fedia a queijo dos ricos. Quase vomitei quando papai Osni forçou minha boca a engolir uma parte daquilo torto. Segurando meu pescoço roliço com desleixada paciência, o garanhão fez com que os movimentos brucutus entrassem num ritmo sincronizado.

Acabei me acostumando com o gosto avinagrado do sexo vencido. Chorando em histeria, meu doce pai gemia e se contorcia em poses impossíveis, até flagelar minha testa no segundo minuto com uma pasta quente que tinha o aroma de água sanitária.

Fungando detalhes do que me dera vida um dia, ainda abobalhado e nauseado pelo vai e vem da minha inocência no meio daquelas coxas peludas, logo após o prazer egoísta fui lançado de maneira brusca para o mundo real acima das cobertas...



## Despedida de Solteiros

Acordar cedo é um insulto aos meus padrões biológicos. Definitivamente, eu não nasci para madrugar. Sinto-me completamente amorfo até o bater do meio-dia.

Quando sou obrigado a sair de casa antes das dez, caminho pelas ruas amparado por ninfas lésbicas. Viro um cheiroso sonâmbulo bem vestido a caminho do trabalho. E não adianta, pois nenhum banho revigorante e muito menos xícaras de café sem açúcar são capazes de me “ligar” pela manhã.

Artista gráfico especializado em serigrafia, eu sou filho da Lua. Amo o silêncio da noite, as madrugadas de temperatura amena. Algumas vezes até me esforço para suportar as matizes púrpuras do nascer de um sol ignorado.

Tudo dentro de mim-eu-mesmo acelera e ganha vida conforme as horas do dia avançam desmioladas. Minha energia e meus sentidos atingem o grau máximo no decorrer da noite. A criatividade e a intuição promovem saltos de alegria quando a meia-noite promove suas badaladas, anunciando a liberação total da minha via produtiva.

Naquele doze de junho, acordei por volta das oito horas. Saí da cama a contragosto.

Os pés aquecidos formigaram ao tocar o piso frio, desconcertante, incerto. Eu deveria acordar bem depois das nove. O que aconteceu com o relógio? Por que despertei antes do correto programado?

Banho completo, o rabugildo vestiu o conjunto clássico: jeans, camisa polo e *docksides* jurássicos.

Nunca fui ligado a tendências da moda e coisas do tipo. Um pedaço de pano bem limpo a cumprir sua função de moldar o meu corpo – e que fosse de qualquer tom, desde que azul! – servia bem ao propósito a que fora destinado.

Segui para a cozinha, olhos ainda semicerrados.

O pote de barro pairava solitário sobre a mesa. Retirei a tampa de cerâmica ricamente decorada que cobria aquele objeto centenário e lambi um pouco da água fria, o suficiente para lubrificar os dentes molares.

Eu jamais me alimento com algo sólido pela manhã. A boca não funciona. O estômago ainda repousa.

Tentei lembrar o sonho da última madrugada. Não adiantou. Só havia uma placa cinzenta em minha mente onde era possível ler: “*em (constante) manutenção*”.

Deixei a cozinha. Caminhei pelo corredor a passos pipocados, às vezes tateando as paredes de ambos os lados, até chegar à entrada da casa.

Abri a porta e a luz maldita ofereceu-me toda sua glória, cegando minha existência ignóbil. Por instinto, abaixei a cabeça a fim de me proteger ou me prostrar.

Duas piscadelas, um longo bocejar. Opa, o jornal estava bem na ponta dos meus pés!

Em um movimento que mais lembrava um cuco cheirado com falta de óleo nas juntas, abaixei-me e peguei o calhamaço vinte quilos, divididos em vários montes uniformes.

Ah, como era desproporcional a edição de domingo. Dez páginas de notícias. Cem de propaganda.

Não, eu não estava delirando. Sei que aquela era uma desagradável segunda-feira.

Mas é que ontem eu não tive coragem de sair de casa. Bateu a fisgada da solidão e o astral foi parar a sete palmos embaixo da sola do pé esquerdo.

O dia anterior foi frio e lamacento. Lá fora e aqui dentro.

A solução encontrada? Ficar soterrado pelas cobertas, com Roger colado junto ao peito, nossos pelos emaranhados formando pequenas tranças amarelas e prateadas.

Passamos boa parte do domingo ouvindo os álbuns do Morrissey a declamar seu “jupiterês” melancólico, enquanto lágrimas travestidas de cataratas realizavam o serviço de desinfecção nos meus olhos tristes, ainda cegos para toda forma correta de razão.

Roger, meu jacaré de pelúcia, dormiu o tempo todo, onde seu sorriso jocoso permanecia indiferente aos meus constantes ataques “*eu sou a vítima número quatro!*”.

\* \* \*

Dez e quarenta. Eu estava atrasado. Bem atrasado.

Encontrei um café que fora feito anos luz atrás. Petrificado e intragável.

Tomei coragem, apanhei a bolsa com meus cacarecos e fiz um grande esforço para dar adeus à Dona Preguiça.

Fechei a porta da sala e logo fui saudado por uma revoada de passarinhos gordinhos que vieram me proporcionar, à sua maneira melindrosa, um ruidoso “bom dia”. Um contraste gritante comparado ao vazio de penas do dia anterior.

No meio daquela algazarra toda, tentei achar dentro da bolsa os óculos escuros para proteger do mundo o meu olhar cansado, acuado, desgraçado.

“Bom dia, senhor Clive. Aposto que está atrasado!”, cantou Fridah Günster, a vizinha do meu lado direito, parando por uns instantes de varrer a calçada.

“Veja como a semana começou de uma maneira tão maravilhosa!”, sua alegria sincera não conseguia me contagiar.

Eu ajeitava o *Guess Vivid* em meu rosto ao mesmo tempo em que tentava levantar o astral das profundezas do meu ser.

Após doloridos segundos travados, consegui demonstrar meu melhor sorriso parcial para a doce velhinha e minha expressão fuceira pré-fabricada a convenceu de que eu achava realmente que o dia permaneceria esplendoroso.

Rindo do meu típico comportamento patchongo, a senhora alemã continuou sua rotina doméstica. Reparei que ela havia acabado de podar várias plantas do jardim e agora varria os galhos e as folhas mortas, formando um grande monte de derivados tons esverdeados, que depois seria colocado no lixo especial, em sacos negros.

A senhora Günster acordava com os galos. Senti a canção de algo feito à base de laranja, mas não consegui adivinhar o que era dessa vez. Ela adorava cozinhar.

Recordei as tardes em que me pegava deitado na cama, lambendo o aroma de tortas doces recém-tiradas do forno à lenha e colocadas no vão da janela da cozinha.

Como nos antigos desenhos animados, a fumaça das especiarias alemãs seguia em direção à janela do meu quarto e fazia cócegas em minhas narinas, muitas vezes despertando-me de sonhos eróticos, estimulando assim outro tipo de apetite.

A produção de algumas receitas era acompanhada de antigas cantigas em alemão, incompreensíveis para mim, pois ela entoava as belas e intrincadas melodias num dialeto todo particular.

A harmonia das canções – mesclada com a beleza e singularidade de uma voz límpida! – era capaz de me fazer lembrar uma infância feliz, quando minha querida mãe, Helen Clive, costumava entoar versões divertidas de seculares cantigas irlandesas que me transportavam até um sono tranquilo.

Lembro-me que em meus sonhos eu vivia fazendo qualquer coisa boba com Rock Hudson.

As melodias da senhora Günster embalavam cada estágio da preparação dos seus mais variados tipos de pratos. Por ironia, quanto mais triste parecia o enredo da música, mais apetitoso era o assado.

A vovozinha morava numa discreta, funcional e bonita casa em estilo germânico, aliás, como a grande maioria das construções da ilha.

A moradia protegida por cerquinhas de madeira branca e decorada em delicados tons pastéis em verde e creme a predominar nas paredes de madeira, fora construída inteiramente pelo marido, um ex-alfaiate alemão simpático e bonachão, era o que diziam todos da vizinhança. Eu não o conheci pessoalmente.

Se minha memória não estiver equivocada, o senhor Günster havia desencarnado há quatro anos, vítima de um câncer na próstata. Eles não tiveram filhos e pelo que me consta, nenhum outro parente direto morava em Lovland.

Quando me mudei para a ilha no ano passado, a senhora Günster passou a tomar conta de mim, adotando o “caramarrada” como um filho muito querido.

Ao contrário do meu humor um tanto instável – talvez por causa da solidão idiota em que eu me encontrava desde então, por culpa única e exclusiva minha – ela vivia em estado de graça enquanto houvesse abundante luz natural!

Sempre muito prestativa, radiante, toda sorrisos reconfortantes.

Os olhos azuis pareciam acender e brilhar de um modo febril cada vez que ela tinha a oportunidade de conversar com alguém. Boa energia era o que não faltava naquele um metro e quarenta e nove de pura alma.

Com toda certeza, o simpático pedaço de felicidade devia ser movido à energia solar, pois assim que o sol se punha, a velhinha fechava a casa toda e hibernava no típico universo dos sonhadores solitários.

\* \* \*

Cheguei bem pra lá das onze.

Abri as portas do estúdio uma hora e cinquenta e três minutos atrasado.

Suado, louco para lavar o rosto, joguei minha bolsa sobre a cadeira de Jane, minha assistente.

Ela só viria após o almoço. Usou a manhã para ir ao médico resolver “coisas de mulher”.

Liguei o Mac abajur, verifiquei meus *emails*. Li algumas notícias locais. Enrolei o máximo que pude. Olhava para os arquivos colorindo minha tela e não nutria a mínima paciência para dar continuidade em nada.

Assim que Jane chegou, quinze minutos antes do meu horário de breve lanche, trocamos algumas palavras sobre os compromissos agendados.

Sim, ela ficou puteada ao conferir trocentas mensagens na secretária eletrônica, louca ao saber do meu ligeiro descaso.

Sem pique para criar mais nenhuma estampa exclusiva para um novo lote de camisetas, foi um alívio constatar que minha tarde estava relativamente livre.

“Você tem reunião com dois clientes novos. Mas, é claro, eu dou jeito em tudo!”  
Jane, Jane, Jane. Minha salvação!

Minha cabeça não estava no planeta Terra.

Resolvi sair. Talvez curtir um cinema mesclado com um bom caminhar. Arear a cachola com futilidades era o que eu precisava naquele momento.

Eu via as pessoas nas ruas do centro de Lovland correrem feito loucas. Zumbis sem direção. Mentos sem ação. Todas programadas para atingir os ideais impostos por alguém, em algum lugar.

Dor, preocupações. Sem o ímpeto de sonhar. Onde estaria a felicidade naqueles rostos anônimos? Não sei. Agora isso não era a coisa mais importante a me preocupar.

Caminhei. Cantarolei. Cheguei ao meu destino.

Cerca de uma semana atrás, duas pequenas salas haviam sido inauguradas na ilha. Conferi a programação. Filmes de arte do outro lado do mundo geralmente são um porre ao quadrado. Conceitos sem lógica, nem ambição, muito menos cor e alegrias. Principalmente a última safra de filmes franceses, onde a vida de uma caolha lesma manquitola era muito mais interessante do que o arrastar dos fatos projetados em roteiros pedantes, pouco criativos.

Olhei os títulos. Nada me empolgava. Sei lá. Por instinto, devido à cor chamativa usada em um dos cartazes, acabei escolhendo o filme iraniano que impregnava a Sala Dois.

Comprei o ingresso. No guichê, uma ruiva pós-punk preocupava-se mais em remediar suas unhas enormes do que em me devolver o troco correto.

Entrei. Sentei. Bocejei.

É óbvio que havia poucos pingados naquela sessão da tarde.

Reparei em um rapaz agitado, nada oculto na extremidade da fileira número nove. Da minha poltrona, eu vislumbrava muito nervosismo, pois suas mãos eram esfregadas com insistência contra suas coxas descompassadas.

Segundos antes do início da exibição, trocamos olhares. Acendeu-se a luxúria. Todos nós sabemos o momento em que o sexo fala mais alto.

O instinto machobesta trocava seus fluidos espectrais entre caralhudos que se desejavam mutuamente. Levantei-me e fui para o fundo da sala, bem longe dos outros três ou quatro vultos que marcavam seus quadrados num mundo aleatório...

## Ne.Go

### Sexta-feira

Quem é responsável pela minha fantástica inspiração artística?

Resposta: Sexo.

Posso afirmar que meus pensamentos são todos voltados para o sexo.

É o tema central que rege minha atual existência: Sexo.

Meu fardo. Minha livre escolha. Fonte de todas as minhas alegrias. Depósito de destilada adrenalina.

Durante vinte e quatro horas, matuto sobre a energia restauradora do bom foder ao mentalizar meu corpo físico sendo devorado por elevados homens famintos, sujos, desprovidos de sensibilidade afrescalhada.

Sou doente? Sou normal? Sou, simplesmente, um limitado ser humano.

Sou maníaco por corpos marcados pela má sorte, devidamente embebidos no suor da pobreza. Adoro apreciar músculos galvanizados, moldados pela nefasta labuta na necessária e honesta sobrevivência.

Amo homens. Todos eles.

Desde que sejam... negros!

Sim, negros.

Eles são os melhores. Eles sabem como fazer. Seus corpos e sexos maravilhosos são o ápice da perfeição divina.

Se Deus fez algo decente enquanto brincava de massinha barrenta ao delinear os primeiros protótipos do ser humano, certamente foi moldar os mastros e peitos e bundas dos negros adultos à perfeição.

Não há nada mais belo, idolatrado e desejado do que os músculos de ébano dos homens de brilho oculto da minha ilha maravilhosa.

Antes de encarar os desafios de uma nova criação, saio para caminhar sem cartas marcadas. Meu destino é um só: saracotear pelas areias macias atrás de grupos de pescadores rústicos repletos de frustrações incubadas.

Quase desmaio de tanto tesão ao apreciar um punhado de morenos, pardos e negros preparando suas redes com afinco, na ínfima esperança de garantir o sustento do dia.

Minha tática é não focar estratégia alguma. O segredo é ser direto, isento de rodeios.

Escolho a presa por pura intuição. Chego junto. Abro um sorriso. Solto “na lata” a louca necessidade que tenho de trepar com ele, só ele. E ponto final.

Simple assim!

Todo homem, sem exceção, carrega o seu preço estampado na testa.

Quando é preciso, ofereço um pouco de dinheiro em troca do meu imenso prazer. Raramente sou rejeitado. No sexo sem amor, qualquer quantia de moedas e notas é capaz de alugar segundos de ilusória satisfação.

Levo o troféu para casa. Magro e alto, robusto e pesado ou toquinho e ranzinza, pouco importa. Resolvemos nossas intimidades num canto muito especial do meu ateliê magnífico...

## Meu segundo pai

“Oh, meu segundo pai!

Matutando em meu quarto enquanto aguardo sua volta do supermercado, a minha vontade é atirar seus músculos pré-cozidos sobre a mesa da cozinha com ares de suave prepotência.

Sei que hoje estou muito mais forte do que você e tenho certeza que agarraria seu corpo roliço e peludo com facilidade, dominando-o por completo.

Atordado e com a adrenalina ultrapassando todos os limites, você apanharia a estratégica taça de vinho tinto do lado esquerdo da mesa. Segurando a fina haste de cristal, num movimento impensado, todo o líquido seco seria alvejado em meu rosto em brasas, suado, dessalgado.

Durante a mistura dos elementos numa alquimia medieval, eu rasgaria seu velho calção azul com a brutalidade das minhas mãos retorcidas.

As gotas – arroxeadas como o nosso sangue – pingariam aleatoriamente sobre a cabeça do ‘poderoso’, purificando-o novamente.

Minha saliva cáustica se misturaria ao seu doce néctar e minha boca louca reverenciaria o seu mastro arrogante.

Seu báculo sagrado seria agraciado pela minha língua-eva, num ritual pagão, como certamente havíamos participado em tempos remotos.

Eu sei que no outro passado, por vontade própria, eu fui sua primeira mulher!

Como num passe de mágica, seu mastro deixaria de existir em longos segundos, perdido, engomado, inquieto dentro da minha boca gulosa, insaciável.

Minha garganta profunda sempre desafiara os mais cétricos e mesmo você, homenzarrão experiente, provaria do prazer inigualável da minha gruta demente.

Grite, grite, seu turrão. Seu velho, meu velho, meu homem, meu macho encontrado no final de uma festa de arrombados. Sujo seus restos de sangue, o sangue dos romanos. Júlio, César, Marco Antônio. Eu nunca quis trepar com outros tiozinhos (oportunidades nunca faltaram), pois sempre me guardei para *fazer o amor* com você!

Venha, venha Papaizão, agarre seu Filhote com a fúria das suas mãos carolas. Penetre suas unhas carcomidas no meu peito de luminosa mata acaju. Faça-me urrar de dor, de prazer, de desejo. Nós dois embebidos na boa e livre insanidade!

Soco mais uma no meu quarto, Velho Urso. Soco a milésima punheta, daquele jeito que você me ensinou logo no primeiro encontro, através do *xvideos*.

Continuemos.

Agora empurro seu rabo da mesa. Jogo nossa devassidão no chão. Cale a boca, não diga nada. Segure seu mastro assim, bem empinado, pois seu Júnior aqui, virado um peão de rodeio, quer cavalgar além dos oito segundos.

Quero ser empalado pela lança do romeno. Vamos ultrapassar os onze minutos do Paulo Coelho. Penetra-me, rasgue minhas tripas. Fura-me, tire a última prega do meu rabo embrutecido. Maria, Maria estava certa!

O buraco rosado abre e fecha. Sou uma cadela, não mais um peão. Foda, foda minha gruta empestada de luxúria, prove-me que tu és o segundo Homem da minha Vida...

## Agasalho

Fato: Todo macho tem um preço.

Realidade: Mas nem todo homem possui a capacidade de discernir qual é o seu real valor.

Descobri que posso “comprar” um Masculino humilde por duzentos reais. Eis a prova do meu crime:

Passei a manhã dessa sexta-feira na companhia de Ângela, uma grande amiga jundiaense. Há milênios ela foi namorada do Breno, meu irmão mais velho, quando ela morou em Curitiba.

O namoro neurótico dos dois acabou em poucos meses, mas a amizade saudável que construímos permanece intacta até hoje.

Ela mora na Ponte São João, um dos bairros mais agradáveis e tradicionais de Jundiaí.

Curtimos boas horas conversando em sua casa, degustando uma agradável e tranquila manhã marinada em suco de graviola e gelo, alegrias e fofocas.

Aproveitamos muito bem o único período disponível para uma visita, já que Ângela trabalhava no período da tarde em uma clínica veterinária na Rua Prudente e à noite cursava faculdade em Itatiba, cidade desprezível localizada a vinte minutos de Jundiaí.

Por volta das onze-e-pouco acompanhei minha amiga até o Barateiro.

Logo na saída do supermercado reparei em um rapaz todo vermelho em fúria a empurrar uma capenga bicicleta de um tom amarelado-pelo-amor-de-deus-me-pinte-de-outra-cor.

Ao delirar diante dos contornos dos seus músculos debaixo de um agasalho cinza – amo corpos normais ocultos por agasalhos esportivos –, eu fiquei enlouquecido.

Despachei Ângela o mais rápido que pude, ativando discretamente uma melodia no meu celular, simulando assim uma ligação. Em seguida, pedi desculpas, afirmando que minha tia precisava de mim com certa urgência.

Deixei minha amiga próximo ao Hospital Paulo Sacramento. De lá, ela seguiria a pé até a clínica. Três beijinhos e um tchau, voltei à caça do meu Agasalho.

Foi bem fácil localizá-lo. Ele estava sentado na mureta que cerca o supermercado, mexendo na corrente da sua Duas Rodas pré-histórica.

Sem cerimônia, cheguei e sentei quase grudando no coitado.

Com uma cara de T.J., perguntei se ele precisava de ajuda. Inocente até o último fio dos belos cabelos acobreados, ele afirmou que estava cansado de arrumar o câmbio daquela joça.

Mostrou-me marcas de cortes nas mãos, obra de uma bicicleta velha e tirana.

O cheiro de óleo e graxa e suor e ingenuidade, somado à visão daquele par de coxas estufadas foi me tirando do eixo.

Eu não conseguia disfarçar minha excitação. Respirei fundo e perguntei para Agasalho quanto custava uma bicicleta nova. Ele respondeu rapidamente que o modelo que ele queria custava cento e noventa e nove reais na “Tico”.

“E você tem esse dinheiro?”, perguntei carregado em ironia, já intuindo o clássico retorno.

A resposta foi negativa, chorosa, de quase cortar corações, pois ele estava desempregado, tinha dois filhos para sustentar, havia um montão de gente que devia pra ele e não pagava... e mais um milhão de ladainhas que precisei ouvir com triplicada paciência.

“E se eu te desse esse dinheiro agora, você realmente compraria uma bicicleta nova?”, perguntei, sem rodeios.

Nesse momento um par de olhos castanhos cintilou curioso e ávido por maiores informações. Desconfiado, Agasalho ficou analisando meu rosto.

“Você não é daqui, né memo? Você fala cantado. Você é do Sul? Você é casado, cara?”

Sim, não sou daqui. Sim, moro no Sul, mais precisamente em Curitiba. Sim, eu falo cantado. Não, eu não sou casado, respondi, mostrando meu melhor sorriso ouro rosé.

“Hum... e o que eu tenho que fazê pra ganhá o dinheiro? Quando a esmola é...”, perguntou Agasalho, a curiosidade gritando em torno dos seus pensamentos recatados.

“... a Santa aqui confia em você. Tá a fim de me comer... agora?”, eu disse.

“Ali na frente”, apontei uma reentrância entre um muro grafitado e a linha férrea.

Atônito com minha direta, Agasalho perdeu o controle diante da Grande Oportunidade em provar que seu pinto valia alguma coisa:

“Mas ali passa gente toda hora. Cara, sô casado. Meu, nunca comi um ômi! Mas... bom... cê me dá memo o dinheiro seu-ti-comê?”, ignorei a primeira questão e respondi a segunda ostentando para ele o meu cartão cinco estrelas.

“Eu quero que você rasgue meu cu ali, naquele lugar, agora! Foda-se quem passar por perto. É pegar ou largar”, eu vociferei, autoritário, sem convencer a mim-eu-mesmo. Agasalho baixou a cabeça, coçando as têmporas por alguns instantes.

“Eu topo”, ele disse, “Mas com condição: eu como ocê, mas num beijo na boca e nem pego no teu pau, certo?”

Engoli a implosão de um riso, tentando manter um semblante submisso, desdenhoso. Eu estava interessado no desafio e na conquista, não em perder tempo com beijos românticos e hipocrisias encravadas.

“E tem mais... quero um... um sinal, pra garanti que cê não vai mi dá caloti”, ele disse, inseguro, patinando nas palavras caipiras. Tirei novamente a carteira do bolso e saquei cinco notas de dez.

“Tá bom pra você essa quantia como... sinal?”, eu disse, com arrogância teatral.

Agasalho nem piscou. Pegou o dinheiro e amarfanhou os papéis dentro da meia que num passado bem distante foi branca.

“Vai na frente e eu ti sigo”, ele disse, achando que assumia a situação patética. Abafei um riso desdenhoso e acatei as ordens sem maiores objeções.

Seguimos para uma casa logo após o local onde Centro e Bairro se fundem. Ao lado da casa grafitada havia uma reentrância que nos conduzia por um caminho que acabava entre tufos dispersos de capim alto.

Algumas penugens quebradiças cobriam as laterais da linha férrea abandonada. Encostei meus medos numa caixa metálica de força, tentando me esconder no centro imaginário de um mato esparso...



## Dark Room

Logo após o jantar, enfurnei minha alma alquebrada em meu quarto provisório.

Após pedir autorização dos meus tios para tomar conta da linha telefônica por tempo indefinido, pluguei meu iBook e entrei no *chat* do UOL com o *nick*: sexo\_a\_tres.

Depois de dispensar uma chuva de curiosos imbecis, dark\_room me chamou para um papo.

Durante as primeiras frases padronizadas, até que Dark aparentava ser um cara bem agradável. Finalmente alguém com cérebro avantajado na Internet. Uma conversa rápida e objetiva foi trocada entre nós.

Como preciosa dica pós-papo maneiro, Dark indicou-me um local, pedindo para que eu chegasse pontualmente nove da noite. Deu-me uma senha. Disse o valor a ser pago. Despedimos-nos.

Hipercurioso, eu deixei a sala virtual e desliguei meu note.

Tomei um banho caprichado, certificando que tudo em mim-eu-mesmo ainda se mantinha nos devidos conformes.

Com a ajuda de um pequeno espelho e muito contorcionismo, dei uma espiada no traseiro. Ufa! As marcas da última trepada tornaram-se lembranças quase imperceptíveis.

Coloquei uma roupa fácil de ser removida. Apanhei uma cópia da chave da casa, dinheiro suficiente para a condução e algumas bebidas pós-fodaria, além dos setenta reais solicitados para custear o ingresso do Gaycenter.

Não levei documentos.

Dei um “vou sair com amigos” para meus tios e fui desbravar meu novo ponto de encontros.

Ao chegar à Rua Rangel Pestana, fiquei boquiaberto diante da fachada de uma construção muito antiga, porém divinamente restaurada.

Imprimi dois toques na campainha, sendo um longo e um curto, conforme as instruções. Aguardei dois minutos.

A porta foi semiaberta e um timbre espanífico perguntou-me a senha.

“Ishlibdish”, respondi, tentando não gaguejar, rir e sair correndo dali... tudo ao mesmo tempo!

O Novo Mundo foi escancarado e o primeiro cheiro de uma alfazema paraguaia invadiu meus domínios.

Um rapaz muito jovem, trajando somente uma toalha branca e um par de havaianas provavelmente azuis me conduziu até um imponente aposento.

No centro de uma cromada mesa redonda e compacta, havia uma caixa de madeira repleta de preservativos governamentais e amostras grátis de lubrificantes das mais variadas marcas.

“Vai usar?”, ele questionou-me, desinteressado.

“Não... não vou”, respondi, decidido.

O rapaz fanhoso (seria ele Dark, o Interessante?) não manifestou nenhuma reação visível. Paguei o valor da entrada...

## Desorientado

Três minutos ao telefone foram suficientes para papai torrar minha paciência.

Choraminguou que Bloobol – meu labrador chocolate – não se alimentava direito... que ele já havia feito de tudo para alegrar o cão... que o peludo estava morrendo de saudades do dono...

Blá, blá, blá.

Ignorando os lamentos um tanto imprecisos e fantasiosos do velho, prometi que dentro de quinze dias, no máximo, eu estaria de volta.

“E aí... tá aproveitando bastante a viagem?”, ele mudou de assunto, esticando o papo chato.

“Tá pegando muita buçanha na Terra da Uva?”

Ah... papai cegueta. Ele jamais quis enxergar o óbvio.

“Sim, pai, tô pegando muita coisa boa do lado de cá”, respondi sem o menor entusiasmo.

Ah, se ele soubesse (sim, ele sabe!) ou aceitasse (não, ele não quer aceitar!) a verdade escrachada diante de si.

O que a falta de um honesto diálogo de pai e filho sobre sexualidade não...

“Faz um grande favor pro teu velho? Tira uma foto bem bonita da Ponte Torta!”, ele implorou, todo boboca, por um registro tão estapafúrdio.

Prometi ao velho Rud... *ops*, meu pai, que faria a porra da foto.

Fim da ligação obrigatória. Fui tomar um banho.

Meu rabo continuava um tanto retraído, mas eu era capaz de tudo para deixá-lo no ponto ideal de abate para o dia de hoje.

Meus tios faziam compras no Carrefour. Deixei um recado sobre a mesa da cozinha, dizendo que ia dar uma volta pelo Vianelo.

Eu nem lembrava mais da tal “ponte torta”.

Quando cheguei ao local, foi uma decepção muito grande constatar que um monumento histórico que deveria ser tão importante para a cidade estava além do abandono.

Revoltado com o descaso, fiz as imagens para enviar posteriormente ao meu pai.

Quando terminei a sessão fotográfica, notei um rapaz sentado à sombra, próximo da construção molambenta. Ele parecia perdido e desorientado.

Minha porção “madreteresa” se manifestou. Resolvi abordá-lo e puxar um possível papo reconfortante.

Devo ter estampado na fuça que sou de fora. Também deve estar escrito em algum lugar na minha testa a frase: “*Quero trepar com você!*”.

Bastou um minuto de frases feitas.

Desorientado já coçava sensualmente o pau que pulsava intrépido sob a bermuda esfarrapada. Ele captou meu foco – nada discreto – de desejo.

“Então o forasteiro aí gosta de uma vara?”, ele disse, apalpando com mais força o membro que ganhava bom volume.

“Sim. Você tem uma pica boa para me oferecer?”, respondi, desafiando minha vítima com um olhar trinta e oito.

“Tenho um local da hora pra gente brincar. Topas?”

Topei sem mais delongas.

Desorientado levantou seu corpo raquítico, batendo com as mãos no traseiro para retirar um pó inexistente da vestimenta ânus setenta.

Quase gritei ao notar que sua bunda era maciça e dotada de uma curvatura bem acentuada. Morro de tesão por caras magérrimos, mas de bunda cheia, bem succulenta.

Ele percebeu minha observação.

“Sabe, forasteiro, eu curto homem e mulher, numa boa. Mas pra trepar com um cara ele tem que ser macho, sem fricote feminino e outras viadagens. Por isso acho que gostei de você. Vai ser muito bom, pode apostar!”

Caminhamos uns três quarteirões até chegarmos a uma praça bonita ao lado de uma escolinha infantil. Bem no meio dela encontrava-se um banheiro público.

“Eu vou entrar primeiro e ver se tá tudo limpeza, forasteiro. Dou um toque. Depois você entra.”

Desorientado tinha um tique nervoso bem irritante. Ele piscava muito os olhos e mexia a cabeça pra direita e pra esquerda sem cessar, como a procurar alguma coisa ameaçadora no tempo e espaço.

Sentei num banco de concreto. Fiz uma foto do banheiro. Aguardei.

Longos minutos foram embora. Comecei a ficar irritado. Resolvi entrar por conta própria e conferir o que estava acontecendo. A visão não poderia ser mais excitante, agradável, convidativa.

Desorientado era chupado por um garoto magricelo que tinha a cara do Salsicha, eterno amigo do famoso cachorro maconhado do desenho animado.

O garoto pareceu não se importar com minha presença, sugando e lambendo as bolas de Desorientado com muito gosto.

Saquei meu pau e junto com Desorientado fizemos a alegria do Salsicha, que agora tinha dois belos mastros para se divertir.

A festa estava ótima, até notarmos a aproximação de alguém de fora pelo reflexo das sombras nos azulejos brancos, limpíssimos e reluzentes da Sala dos Santos Mijadores.

Tentamos esconder nossos membros e ficamos disfarçando no mictório, fingindo urinar, enquanto Salsicha simulava amarrar seus tênis.

Um senhor baixinho e roliço entrou e se posicionou entre o gostosão aqui e Desorientado, que parecia cada vez mais atarantado, rodopiando a cabeça de um lado para o outro e piscando mil vezes por segundo, sem parar.

Baixinho, o velho, expôs uma pica comum. Masturbou-se sem qualquer constrangimento. Pegou no pau de Desorientando e iniciou uma dupla punheta.

Eu aproveitei e busquei meu beijo, como de costume. Baixinho trocou um selo de boca travada.

Salsicha foi para o reservado. Podíamos ver que ele também se masturbava no seu canto eucalíptico. Baixinho estava mais interessado em Desorientado do que em mim.

Então, deixei os dois se divertindo e fui brincar com Salsicha.

Travei a porta do reservado, encostando todo o peso do meu corpo contra ela. Salsicha abocanhou meu pau numa só investida, sugando-o com muita vontade...

## Animais famintos

O sol desaparecia atrás das montanhas de Iguape. Eu ressurgia entre as cinzas de mim-EU-mesmo.

Dormi o dia inteiro, anestesiado ao som de uma Avril Lavigne que esgotou meu MuVo de tanto repetir a mesma sequência musical quaquilhares de vezes.

Encarei um banho secular, tentando alegrar meu rabo ensanguentado e meu rosto arroxeadado nos vapores de uma água-dove.

Entre delírios etílicos, minha última prega ainda ardia como as brasas de um inferno franciscano. Os arredores chamuscados dos meus rabos permaneciam inchados e doloridos e liquefeitos após a desventurada experiência da horrenda noite anterior.

Eu quero esquecer o que eu não quero esquecer.

Resolvi sair, caminhar, me perder um pouco.

Eu precisava encontrar parte da minha sanidade.

Mais morto do que vivo – pelo menos naquilo que eu ainda acreditava ser eu mesmo –, caminhei, caminhei, caminhei... chorando e rindo das agruras da minha aventura, numa solidão compartilhada com o desespero de uma existência que eu já julgava ser totalmente inútil.

Encontrei Dourado brincando em rasas poças pinceladas na areia encharcada. O enorme cão passou a me seguir quando cruzei seu espaço de travessuras.

Não resisti ao ímpeto de tocar-lhe os hipnóticos pelos sedosos que emanavam o aroma da baunilha. Sentei na areia fria e brinquei um tempão com o meigo bichano com cara de bobo.

De tão entretido com o peludo, nem percebi a presença do seu amo – um nativo rapaz moreno bem interessante, dono de um olhar muito sedutor –, que apreciava as duas criaturas envoltas num sonho infantil.

“Ele gostou de você”, disse o moreno.

“Acredite: é raro ele brincar logo de cara com um estranho”, completou, entre risos discretos, autênticos, convidativos.

Ainda me divertindo a beça com meu novo amiguinho, quase não dei a mínima ao rapaz de voz rouca, sussurrada, arrebatadora.

Ele esticou o braço e ajudou-me a levantar, dizendo seu nome e sua profissão: pescador.

Caminhamos juntos até um ponto da praia onde uma cadeira de plástico revestida de um tecido azul royal em nada combinava com uma bolsa enorme de couro carcomido pela maresia, de onde pendia o que acreditei ser uma artesanal rede de pesca.

Sempre gentil, Pescador me ofereceu uma lata de Brahma acima da temperatura confortável – mas no ponto exato para afagar todas as minhas sedes! – retirada de uma límpida embalagem de isopor.

A serenidade da personalidade e a voz sedutora emanada daquele homem simpático alimentavam em mim a esperança de um começo de noite agradável e pacífica.

Eu queria... eu precisava... acreditar no penúltimo suspiro da Felicidade!

Filosofamos sobre a vida, o mar, o céu e as estrelas. Um papo zen só entrecortado pelas gaiatices de Dourado, que tentava a todo custo recuperar minha atenção.

Quando somente a luz tênue de uma lua crescente passou a iluminar nossos corpos, Pescador começou a tocar meus braços sem cor, guiando sua mão rústica até encontrar meu pescoço, puxando-me de encontro aos seus lábios couraçados.

Um beijo tranquilo selou nosso contato social e uma língua atrevida despertou a sensação de liberdade em meus lábios e queixo e dentes e alma cansada de sofrer.

Viajei até um nirvana fabuloso, aconchegado nos braços do meu pescador delicioso.

Dourado aquietou seu corpanzil entre minhas coxas, dormindo um sono justo enquanto os amantes se saciavam nos enlaces da sedução.

Pescador retirou minha camiseta, buscando com a ponta dos seus lábios rachados a textura rugosa dos meus mamilos rosados.

Tonteado de alegrias, eu não podia acreditar que havia encontrado um parceiro tão carinhoso.

Nos beijos apaixonados até me esqueci dos flagelos *Erotica* vividos com a mulher-macho!

A mão craquelê do Pescador descobria todos os meus pontos fracos e naturalmente minha cabeça percorreu o caminho conhecido até um sexo compacto, que coube por inteiro na minha boca esganada. Degustei com tremendo gosto aquele membro que cheirava a sabonete barato.

Entre gemidos e sussurros, Pescador pediu para eu ficar de costas, pois desejava me penetrar com suavidade, segundo suas palavras confiantes, anestésicas, amorosas.

Mesmo temeroso, virei, deitei e relaxei. Eu confiei cegamente no meu amante.

Aquela boca sensível mordiscava minhas costas enquanto o moreninho procurava seu destino final. O pequeno sexo me fez chegar às lágrimas, pois a irritação do meu ânus voltou com força total. Cerrei os dentes para não gritar de dor.

Pescador penetrou meu perispírito em câmera lenta.

Dourado acordou ao som de um assovio ligeiro. O cão posicionou-se ao lado de Pescador e num segundo sinal emitido por seu dono, o bichano bem treinado começou a lambar meu rabo e a lateral de uma de minhas coxas.

A língua flambada do animal adestrado despertou calafrios em meu corpo petrificado. Pescador saiu de cima de mim e numa fração de segundos não computados, um cachorro virado no cão passou a lambar meu cu aberto e ferido, onde as mãos rígidas do adestrador moreno abriam – em franca ansiedade! – ainda mais o meu caminho que antes era considerado somente disponível para o prazer entre... humanos!

Humanos?

“Fica de quatro... assim”, disse Pescador, afastando Dourado, adequando meu traseiro na posição planejada.

Mais um assovio e o cão treinado literalmente trepou sobre mim, onde um membro fino, comprido, ossudo e pegajoso buscava abrigo na minha cova hesitante.

Dopado pela Adrenalina, eu simplesmente não acreditava, não queria aceitar, jamais poderia prever o que estava acontecendo na realidade gritante de uma fantasia absurda...

## Hemir

Ele apareceu em minha casa na última noite chuvosa de janeiro.

Era um homem alto, forte, imponente. Trajado todo de preto, carregando uma bíblia de capa vinho, onde as bordas douradas cintilavam a luz das velas que iluminavam nossa triste cozinha, o dono de todas as verdades sentou-se à mesa, tocou com extrema ternura nas mãos da minha mãe chorosa e juntos lemos os Salmos.

Oramos fervorosamente durante uns vinte minutos e em seguida um breve sermão foi proferido por aquele homem volumoso, proprietário de uma voz profunda, hipnótica, sobre-humana.

Eu fiquei atônito com a energia do pastor.

Enquanto minha mãe consumia atentamente as palavras de fé provenientes daquele Servo de Deus, eu ficava imaginando a Besta que se escondia atrás do manto sagrado da sua deplorável “religião”.

Afinal de contas, no seu lado esquerdo, toda religião é alicerçada na mais pura hipocrisia.

Após quase hora cheia de um culto privado – o qual fui forçado a participar – minha mãe, bem mais calma, levantou-se e foi preparar um ralo chá para todos.

O pastor ficou em silêncio, como numa espécie de transe, acarinhando seu livro de capa cor de sangue. Eu não conseguia retirar meu olhar nada discreto daquele par de coxas suculentas que se escondiam atrás da calça de tecido sedutor, corte sob medida para um homem que eu julgava ser divino em todas as esferas.

Fui despertado pela voz que me chamava suavemente, como se fosse um sussurro entre amantes.

O pastor agradeceu minha presença na reunião daquela noite e convidou-me a participar do culto do próximo domingo, agora em seu templo.

Ele retirou um panfleto de dentro do seu livro inseparável, oferecendo-me o papel de quinta com sua rígida mão direita, que foi tocada sutilmente pelas pontas delicadas dos meus dedos frios.

O chá foi servido. Conversávamos assuntos cotidianos, nada importantes, apenas temas leves.

Percebi que o pastor não tirava os olhos das curvas da minha bunda, cada vez que minha mãe se distraía com alguma coisa na cozinha: mais açúcar, mais biscoitos, mais agrados para o homem que veio consolar as dores da recente viúva. Peguei-me fantasiando absurdos deliciosos.

Algo inesperado aconteceu. Minha mãe comentou com o homem santo sobre a dificuldade que eu estava enfrentando para conseguir um emprego.

Corei de vergonha, já que esse assunto fazia eu me sentir um total inútil; um virgem vagabundo profissional, na altura dos meus incompletos dezenove.

O pastor fez um convite, debaixo de um sorriso inesquecível, afirmando que eu era um jovem de sorte abençoado por Deus, já que havia um posto de trabalho temporário disponível em seu templo.

Segundo o Santo, Deus me designou para pintar a Casa do Senhor. Assim eu ganharia uns trocados, e também acumularia milhas importantes para – um dia, quem sabe, talvez... – alcançar algum lugar privilegiado no Reino do Santíssimo, segundo as palavras do Seu escolhido.

Dona Perdição, a rainha, abriu suas portas.

\* \* \*

Realizar o ingrato trabalho foi relativamente fácil.

O templo nada mais era do que um galpão fechado, com dezenas de envelhecidas cadeiras de plástico alinhadas toscamente sobre um piso de cimento queimado.

O antigo púlpito – este sim, uma verdadeira obra de arte! – era impressionante, todo esculpido em uma única peça de madeira maciça. Sei lá eu que pau nobre era aquele, mas era dono de um hipnotizante brilho caramelado. Um contraste fora do comum com a simplicidade do resto do espaço que deveria ser sagrado.

Uma aparelhagem de som capenga ficava de um lado, onde um emaranhado de fios que ligavam a mesa de som aos microfones espalhados pelo altar estava parcialmente escondido sob uma espécie de forração azul marinho não muito agradável de ver à luz do dia.

Em quatro períodos matutinos consegui concluir minha tarefa. As paredes internas foram pintadas de branco, as externas de um azul-quase-verde bem sem graça. As molduras das janelas e todas as portas foram lixadas e envernizadas com materiais de terceira.

O dono de tudo apareceu no último dia para conferir o resultado da minha arte e apanhar as cópias das chaves do templo, que estavam em meu – quanto privilégio! – poder.

Ele trajava uma camisa social de mangas curtas, em um tom amarelo que salientava os contornos do seu peito inox, onde repousavam pelos castanhos certamente pra lá de macios e cheirosos.

Para completar, uma calça jeans que mais uma vez me fez quase perder as estribeiras ao me deparar com aquelas coxas alucinantes e, de bônus, a visão de um sacão redondo que me vertia água pelas bocas.

O pastor me recebeu com um abraço forte, onde pude sentir a potência de um corpo muito bem nutrido.

Ganhei elogios pelo meu esforço, através de um único sorriso capaz de iluminar meu caminho para todo sempre. Ele realmente sabia como cativar seus subordinados.

Segurando a bíblia com a mão direita e com a esquerda uma sacola plástica que continha um litro de Pepsi, um limão solitário e alguns copos descartáveis, fui convidado pelo Perfeito para tomar uma gelada na minúscula cozinha improvisada que ficava nos fundos do galpão.

Enquanto nos refrescávamos na tarde calorenta, meu bom pastor aproveitou para fazer o “pagamento” justo pelos meus serviços bem prestados.

Eu não esperava receber mais do que eu julgava merecer...

## O outro Jesus

O confiante pastor chegava exatamente às sete da noite.

Estacionava o importado carro angelical na sua vaga exclusiva, onde dois cones estratégicos na via pública impediam a parada dos veículos mortais.

Homem de Deus deixava o interior do aveludado coreano embalado ao som dos cânticos de louvor entoados por uma bela voz de barítono de um novo talento patrocinado pela prestigiada gravadora evangélica no qual era sócio.

O culto de quarta-feira começava às sete e meia. Alguns irmãos já oravam ajoelhados diante do púlpito de madeira plastificada, encerado à exaustão pelo jovem caseiro que cuidava do salão em processo de acabamento, onde o brilho da ilusão inspirava as súplicas que seriam entregues a um deus no final da pregação.

O renovado sorriso confiante de alinhadíssimos dentes perolados – ao custo de vinte e dois mil reais! –, abrandava o sacrifício daquela gente pobre e humilde que depositava toda sua fé naquele que havia sido “escolhido” por Deus, prometendo a cada reunião a oportunidade das almas cansadas terem todos os seus apelos plenamente atendidos pelo Santíssimo.

Um pouco antes do início do “culto de adoração”, como por encanto, dezenas de pessoas surgiam sabe-se lá de onde. Todas ansiosas para presenciar o espetáculo de gestos, palavras e emoções proporcionados pelo grandiloquente Escolhido diante das suas ovelhas histéricas.

Coitados embotados na ignorância que pagavam pelo prazer de (continuar a) sofrer.

Falsamente concentrado, o Redondo Terno Preto repousava em sua cadeira recoberta de veludo vermelho, acariciando sua bíblia velha de guerra, retirando um pequeno marca-textos feito de papel e seda do meio de uma página amarelada qualquer. Assim eram abertas as entranhas do espetáculo.

O pastor já havia decorado aquele livro na agitada companhia de cabos e rabos.

Ele sabia o que proferir no sermão daquela noite. Tudo era feito por instinto. Nada que fugisse do trivial. Bastava uma dose cavalariça de pequenos dramas encenando os mistérios da Salvação, somados com um pouco de suspense apocalíptico evocando a necessidade do Sofrimento e a busca do Perdão.

Nas entrelinhas, tudo deveria ser muito bem pago em necessários sacrifícios financeiros... dos trouxas!

O grande final era reservado para as longas orações lacrimosas, ditas em alto e bom som exaustivamente ensaiado durante milênios de solidão, onde lágrimas pré-fabricadas inundariam as faces coradas no instante premeditado.

E o pastor invocaria o nome do seu garoto-propaganda quase que movido pelo falso e desconcertante histerismo crônico, para o delírio de uma plateia ensandecida.

Uma hora e quinze minutos de uma performance da melhor qualidade. Jesus, o xará, havia se superado, mais uma vez! Agora era o momento ideal de colher as glórias de uma atuação impecável.



A volta do exausto sorriso perfeito, o aperto seguro de mãos mancomunados com um leve tapinha nas costas e um olhar cristal encantado explodindo compaixão: o suficiente para transmitir uma cura quase que divina aos toscos irmãos tão necessitados de atenção e carinhos egoístas.

As notas de dois, cinco e dez eram depositadas em uma estratégica cesta de vime humilde que repousava sobre uma temporária mesa de plástico molenga.

Todo montante seria utilizado em prol da reforma do salão, segundo as palavras de incentivo de um administrador pra lá de sorridente.

O que a totalidade dos presentes não sabia era que uma soma considerável daquele dinheiro suado seria investida naquela mesma noite, a poucos quilômetros dali, no quarto de uma casinha simples e discreta escondida numa das ruas esquecidas da renascentista Vila Rami, local que o santo que não era santo costumava frequentar com assiduidade antes de voltar para sua luxuosa residência na Malota; cair nos braços inocentes dos seus dois filhos pequenos, tomar um terceiro banho para apagar de vez os golpes e as safadezas praticadas durante o dia e dormir contrariado ao lado da “bispa” esposa frígida.

Vinte minutos de sexo valiam quatrocentos reais nas quartas sagradas e novecentos em dias especiais esparsos durante o mês, quando Jesus podia passar mais tempo ao lado do seu segredo, sem levantar suspeitas.

O pastor chegaria a qualquer momento. Na data especial, o simplório amante sentiu necessidade de comemorar a noite fria de um agosto comum e corrente com uma surpresa errante.

Há oito anos Jesus mantinha um caso com Olavo, hoje um rapaz de vinte e seis, dono de um alucinante corpo esculpido ao som dos ritmos baianos, mas sem conteúdo algum na cabeça que desconhecia, por exemplo, os prazeres da leitura e a liberdade da escrita.

Poucos minutos eram suficientes para todos os níveis de descarrego do Idolatrado. Jesus sempre abria as portas do casebre com a própria chave. Jesus sempre retirava metodicamente peça por peça de suas roupas *by* Miami, colocando-as em um cabide solitário posicionado atrás da porta descascada do quarto único.

Jesus, trajando apenas a cueca branca da sorte, cuja cor se misturava com a transparência de suas lisas pelancas desfiadas, ficava alucinado com a visão daquele monumento moreno, isento de pelos, posicionado em frango assado sobre o colchão de molas, pronto para ser perfurado com uma brutalidade nada celestial.

Jesus “entrava com tudo” após uma bela cuspidada na cabeça do pau-cogumelo, invadindo aquele pedaço de boa carne que rebojava e gemia e gritava falsamente em agradecimentos, tudo para satisfazer o homem santo que não tinha absolutamente nada de divino.

Atos repetidos à exaustão por tanto tempo, onde sentimentos permaneciam sepultados e somente o ancestral corpo viciado ainda precisava consumir aquela carne cada dia mais fresca, quente, sensual, submissa...

## Três... é demais?

A dor mais a minha angústia. Resultado? Prazer.

A mistura de sensações contraditórias dominam meus anseios.

Eu quero mais. Muito mais!

Foi como usar uma droga poderosa, viciante logo no primeiro trago.

Eu preciso... agora!

Não importa. Eu tinha que viver tudo o que você leu até agora. Não me arrependo do que fiz. Aliás, jamais cultivo neuras ao lembrar meus tropeços pelo caminho. Faria tudo outra vez. Ou talvez não... não sei. Depende só de você!

Estou confuso. Preciso dormir. Antes que o segundo sol dê as caras.

\* \* \*

Os primeiros raios penetram o lado esquerdo do meu quarto.

Estou sozinho na minha cama, meu reinado absoluto.

Inspiro fundo. Abro e fecho os olhos. Tento colocar o mínimo de ordem nos espasmos dos últimos neurônios. Preciso revelar a você os pormenores do que me ocorreu. Minhas mãos tremem entre as teclas do *Powerbook*. A digitação é golpeada a passos retardados. Os acontecimentos recentes apunhalam as entranhas do meu vazio repleto de inerências. Eu sei, eu sei: a última página do meu diário eletrônico precisa de um final feliz.

Final feliz?

Talvez amanhã eu já não queira recordar boa parte dos detalhes.

Sou mestre em me ocultar para mim-eu-mesmo.

“Vamos lá, coloque tudo para fora. Agora!”

Voltei a digitar, antes que a campainha resolvesse acordar e malas e cuias arrombassem minha porta.

\* \* \*

Eu estava na praia de Gobsun, a mais bela de Lovland, fotografando três Subarus.

Acredite, apesar da grande experiência que carrego, foi um dia estranho de trabalho insano.

Eu e meu assistente fomos manipulados pelos caprichos da Natureza. Ou era o vento sul a brincar de cobrir carros e lentes e minha recente careca com a areia fina. Ou nuvens morféticas resolviam eliminar a luz precisa do meu sol glorioso, impedindo assim uma boa exposição das futuras fotos do jeito, contraste e ângulos que eu havia planejado.

Uma vez concebido, eu jamais altero meu conceito de Arte!

No meio da tarde, suportar meu “bom humor” não era para qualquer um. Foram inúmeras as situações em que minha tromba criava sulcos profundos nas areias creme.

Eu assumo que sou excêntrico demais no ofício de fotografar quatro rodas.

Encontrei o meu limite no último segundo bem iluminado pelo astro rei naquela quinta-feira maldita. As imagens finais foram moldadas no meu visor por pura intuição.

Chega! Surtei, entreguei os pontos. Eu queria voltar pra minha casa.

Lou, meu assistente pra lá de paciente e sarcástico, assumia o controle de tudo: ligando para o pessoal da concessionária vir buscar os veículos, guardando e embalando minhas tralhas, além de me incentivar efusivamente a encher a cara e hibernar minha rabugice pelos próximos oito milênios.

“... de preferência, sem respirar, meu amor...”, ele completou, cacarejando trejeitos de certo alguém que ele sabia que eu condenava.

Segui até o pequeno chalé que nos fora alugado para funcionar como quartel-general daquela produção.

Tomei um rápido banho. Escovei os dentes até sangrar as gengivas. Besuntei partes estratégicas da minha pele pimentão com o venerável creme Nivea.

Sou neurótico quanto à minha higiene corporal. Já a mental...

Estanquei por tempo ignorado, jogado numa poltrona tufada demais, entornando uma revigorante sequência de três garrafitas de Budweiser.

Mais “feliz”, peguei as chaves de casa e a inseparável mochila de lona com parte dos meus pertences, abandonei o chalé, dei um “tchau” para Lou e os rapazes da Subaru e rumei além do profissional, imaginando as delícias do meu quarto triangular.

Ignorei a carona de Lou e resolvi de último instante voltar para casa de ônibus. Eu queria ficar um pouco sozinho, observando paisagens gaussianas.

De acordo com o responsável pelo local – que só aguardava minha turma ir embora para também dar no pé –, por volta das sete passaria um circular que me levaria até o outro lado da ilha.

Imaginar que uma das paradas ficava a menos de vinte metros da minha reformada residência. Que delícia!

Atravessei a rua e plantei continência no ponto mais próximo.

Nossa... o rapaz tinha razão!

Quando bateu quatro minutos para as NOVE da noite é que surgiu um saltimbanco veículo prateado.

Por sorte, acho que o motorista teve pena da minha insignificante solidão. Ele me alertou que não passaria mais nenhum ônibus de linha naquela noite, mas que poderia me dar uma carona, sem problema algum, até o pé da ilha. A típica gentileza loveana.

Entrei. Agradei. Insisti em pagar minha passagem ao bigodão de cara amuada.

Sumariamente ignorado, enfiei a nota no bolso e fui sentar na já tradicional Poltrona 47.

Nem prestei muita atenção nos porcos pingados que estavam no ônibus que cheirava óleo e graxa e frustração.

Fazia um calor sufocante, fora de época. Abri não só a minha janela como também a do lado oposto da minha fileira. Num veículo sobre rodas, sem um ar forçado a rabiscar meu cavanhaque, eu entro em pânico!

Enquanto estava em pé, me toquei que no interior daquele camburão barulhento havia somente alguns funcionários – devido ao uniforme azul quase chumbo – da própria empresa do Pássaro Prateado.

Na metade do caminho, em uma das paradas normais, um grupo de seis pessoas desembarcou. Permaneci somente eu, o motorista e mais dois empregados.

Um dos rapazes falava muito alto. Contava as desventuras de sua vida profissional. Dizia improperios sobre alguns colegas de trabalho. E, é claro, “metia o pau” na diretoria da empresa.

Na minha privacidade, eu ria daquela situação. Em sonoros pensamentos, eu achincalhava o seu péssimo português misturado com sua língua materna, o alemão.

Quase apagando, fiquei imaginando o que seria de mim-eu-mesmo se aquela condução não tivesse me salvado. Ligaria para Lou e aguentaria os seus escárnios?

Porra, quem manda querer isolamento do mundo e se mudar para os calcanhares de Lovland? Por que será que eu não gosto de dirigir?

Durante a viagem, a noite avolumava a tensão do seu bafo salitre. Tirando a posição privilegiada e obviamente necessária do motorista, não conseguíamos ver nada nas laterais da estrada arenosa.

Em uma curva aberta, o ônibus deu um tremendo tranco. Todos nós gritamos de espanto, cada um com seu trinado característico.

O hábil motorista conseguiu encostar o veículo na boca de uma trilha quase apagada, à direita da estrada principal.

Oh, Céus. Estávamos relativamente tão perto das nossas amadas cavernas!

O primeiro pensamento que me ocorreu foi que naquela hora, naquele trecho, era improvável alguém trafegar de pura vontade por ali. Ainda mais numa região sem casas de veraneio ou comércio; um pedaço praticamente esquecido fora da temporada.

Oh, Vida. Ninguém merece passar por isso!

A porta foi aberta e os três homens foram verificar o que havia ocorrido. O debilitante cansaço impedia os sentidos de ordenarem meu cérebro a tomar alguma atitude sensata.

Oh, Azar. Eu poderia até caminhar pela praia. E se a maré subir, subir e subir? Chega de pensar sandices.

Levantei-me com uma puta má vontade e conduzi minha cara amarrada para fora do ônibus.

Vi o trio debatendo sobre o acontecido. Uma portinhola lateral estava aberta na bunda do possante. O motorista mexia em cabos e velas e fios e correias. O rapaz de voz potente segurava uma lanterna capaz de iluminar um estádio de futebol.

Eu fiquei ali, tontificado, trombudo, impaciente, acompanhando a patetada em revoltado silêncio.

Que saudades do meu Lou e seu Ford Fiesta cor de abacaxi!

Finalmente alguém notou que eu existia. Um dos empregados, o moreno, rodava o corpo em várias direções, sem sucesso. Irritado com a ausência de sinal no seu aparelho, perguntou se eu tinha um celular... com bateria!

Mordendo a língua para não rir, fiz um “positivo” com a cabeça.

Sem piar uma só palavra, voltei para o interior do estropiado veículo machucado, a fim de caçar o aparelho perdido na minha mochilona.

De volta à reunião de cúpula, entreguei o diminuto Motorola ao empregado. Ele me agradeceu com um sorriso apagado e discou rapidamente os números da Central de Apoio.

O outro cara – o que possuía um vozeirão – tagarelava com o motorista. No calor da discussão sem final feliz, descobri que o gritante era borracheiro, o moreno era eletricitista e nenhum entendia bulhufas de motores e transmissões!

Ambos discutiam o sexo dos anjos mecânicos. Eu, sem entender patavina daquele dialeto de porcas e parafusos aprendido em cursos por correspondência, permaneci recostado na lataria fria do Pássaro abatido.

“Bom, pelo visto... acho que ficaremos umas dez semanas aguardando o maldito resgate”, resmungou o sujeito que estava com meu celular, devolvendo-o para mim e novamente me presenteando com um sorriso cansado, porém perfeito e luminoso em sincero agradecimento.

Nossas mãos tocaram pontas de leve na passagem do aparelho salvador. A rápida carícia de um sujo dedão atrevido sobre as costas da minha mão desconfiada disparou sete dúzias de alertas na minha mente putalínica.

Aquele súbito carinho disparatado – que em nada combinava com o surrado macacão e aquela barba acumulada por cem dias seguidos – ganhou dimensões estapafúrdias na minha mimosidade profana.

Após um milhão de minutos em discussões inúteis, impossibilitados de encontrar uma solução mesmo que temporária, os três homens resolveram aguardar passivamente o Resgate.

Agora responsável por dar a luz, ao segurar a tal lanterna monstruosa, apontei o jato iluminado para o centro da lataria, quando meu olhar foi brindado com o rapaz da potente voz retirando a camisa empapada em beatificada água salobra. Ele jogou o traseiro no chão de areia e ficou contemplando as estrelas.

Eu contemplava suas linhas esculpidas em mármore de boa qualidade. Foi difícil disfarçar minhas vontades diante daquele “peitocostal” a queimar meu bom senso.

O motorista, um homem troncado na faixa dos sessenta, dono de volumosos cabelos e bigode prateados do mesmo tom da pintura do seu objeto de sustento, percebeu minha indiscreta excitação.

“Vamos entrar. É mais seguro dentro do ônibus”, ele ordenou, sem convencer ninguém.

Seus olhos dissecavam minhas curvas. Percebi que algo muito interessante poderia ganhar vida, texturas e sabores viris a qualquer segundo.

“Vou ficar aqui mais um pouco e aprofundar minha comunhão com Deus”, disse o rapaz sem camisa. “Vocês são loucos em permanecer dentro da estufa ambulante!”

Entreguei a lanterna ao dissidente. Entrei e imediatamente fui para a “cozinha”.

Permaneci sentado, ansioso, mortificado.

Encostados na Um e na Três, o motorista e o rapaz do belo sorriso conversavam em tom muito baixo, quase um sussurro.

Aquela reação de cumplicidade entre os dois estava me deixando fora de órbita. O volume cresceu entre minhas pernas e marasquerosos pecados rodopiavam na minha mente bêbada em desejos.

Eu não tirava os olhos daquele motorista. Ele retribuía o olhar, agora de maneira intensa, sem disfarçar sua volúpia.

Ambos me desejavam. Eu assumia absoluta certeza sobre o inevitável.

A ocasião faz o fodão!

O tempo foi passando. Nenhuma alma sequer atravessara o nosso caminho naquela quebrada esquecida.

Meu corpo transbordava suor e luxúria. Eu queria sexo. Em todas as suas variáveis.

Imaginava Voz Potente lá fora, sem camisa, mamilos lambidos pela brisa.

Imaginava a piaçaba do motorista arranhando todos os buracos piscantes do meu corpo.

Imaginava Sorriso Perfeito cobrindo meus ouvidos de sussurros românticos e *calientes*.

Mas eu não imaginava que viveria uma experiência jamais fantasiada nos meus delírios mais ocultos.

\* \* \*

Ele veio em minha direção. Começamos a conversar. Perguntou o que eu fazia, qual era a minha idade; se eu era solteiro ou casado. Tontices sociais.

A cada cinco palavras expelidas, meus olhos desviavam a atenção daquela boca carnuda, moldurada por um farto bigode muito bem aparado, e apontavam para o seu sexo, que ele fazia questão de manipular por cima da calça azul anil do seu uniforme impecável.

Divertindo-se com minha fome no limite do incontrolável, ele se aproximou, decidido e agressivo, encostando a lateral do membro rígido em meu ombro.

“Pegue”, ele disse.

Olhei para o vão no corredor. O moreno estava sentado bem à frente, o olhar fixo em nossa sacanagem. E também manipulava o sexo, que empinava sua beldade fora do macacão. Imaginei os poucos pelos do seu peito em contraste com a fartura negra na parte baixa da sua rude perfeição.

“Pegue”, repetiu o motorista. “Eu sei que você gosta. Vamos, abra o zíper. Tire-o para fora. Brinque com ele”.

Motorista segurou meu queixo peludo e com os dentes abri a porta do primeiro paraíso. Braguilha arrombada, prontamente minha boca sugou aquela estaca pulsante. O atarracado macho rosado do cabelo prateado gemia e apertava minha nuca de encontro ao seu corpo galvanizado. O suor evaporava em minhas faces. O ar fugia dos meus mistérios. Eu me sufocava em tesão e medo.

“Pare”, ele disse, quase que num grito autoritário. “Não quero terminar na sua boca.”

O moreno de sorriso perfeito já se encontrava ao nosso lado.

“Vamos, faça o serviço no meu chapa aqui”, disse Bigode, num sussurro desafiador...

## Sobre o Autor

Olá!

Meu nome é **Moa Sipriano**. Sou de Jundiaí, SP.

Autodidata, escrevo e publico contos, crônicas e romances desde 2004.

No Brasil, fui pioneiro na criação de livros digitais contendo exclusivamente literatura gay de boa qualidade.

Minha arte procura retratar com crua fidelidade e lirismo todos os meandros do universo gay masculino, onde o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade partilhada entre iguais são temas que amo explorar.

Procuro pincelar minhas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo, inspiração e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando momentos excitantes, surpreendentes descobertas e honesta reflexão durante o passeio daquele tímido olhar curioso do leitor sobre as curvas tonteantes do meu devaneio “homopop”.

Se você quiser saber mais sobre mim-eu-mesmo e todos os meus livros, acesse: [moasipriano.com](http://moasipriano.com).